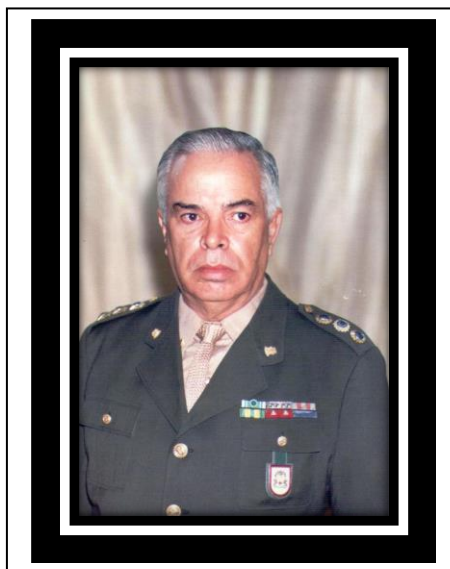
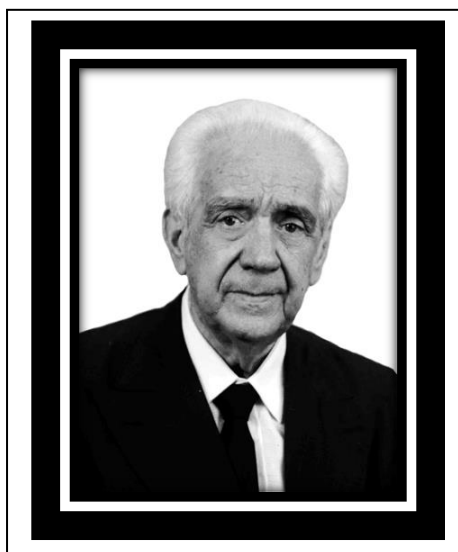


CONTO O CONDOTTIERE E PACIFICADOR CONRADO ERNANI BENTO. DO HISTORIADOR E ESCRITOR NÉLSON OMEGNA



De 1983 a 1987 quando eu fui do Estado –Maior da 1ª Região Militar Marechal Hermes da Fonseca e a seguir Diretor do Arquivo Histórico do Exército, muito privamos, como sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ,com Nelson Backer Omegna e nos tornamos amigos. E ele escreveu o conto CONDOTTIERE a seguir, tendo como motivo meu pai, Conrado Ernani Bento, com apoio na biografia que sobre ele havia escrito dando-lhe um exemplar .E com surpresa dias depois me passou o Conto Condottiere.

Nélson Omegna 1903-1987,fora Ministro do Trabalho,Industria e Comércio do Presidente Nereu Ramos.Fora vereador por Campinas –SP e Deputado Federal por três Mandatos pelo PTB,.Além de Jornalista, Historiador . Talvez em minha homenagem seu confrade e amigo e a meu pai, tendo sido ambos do PTB. ele escreveu já octogenário o conto a seguir.



NELSON OMEGNA 1903-1987

CONTO O CONDOTTIERE

Conrado Ernani Bento (tenha-o Deus em sua glória): Foi perfeito condottiere, no dizer dos italianos, seus amigos; e longânime pacificador, no entender do povo patricio, ali em Canguçu, cidadezinha esquecida na rota das bandeiras.

Condottiere, conhecia sua gente e tinha a intuição do que poderia advir a qualquer hora. Pacificador, trazia à flor dos lábios a palavra adequada, o aviso prudente, o alarme preciso, o verbo conciliador. Sua autoridade, por todos acatada, vinha lhe menos do pulso forte, (que o tinha mesmo) e muito menos ainda de façanhas e fanfarrão, que jamais transpiraram de suas atitudes. Nada disso. Condottiere e Pacificador, tão só pelos imperativos do coração; pela confiança que sabe inspirar; pelo respeito emanado do íntimo de quantos o conheciam e louvavam-no pela retidão do desempenho de seu ofício de Tabelião.

Era tabelião. Quer dizer, guardião de tratos e vontade de todo mundo, emprestando credibilidade a documentos e testemunhos de vivos e de mortos. Sua palavra que, segundo o Código, “merece ser pública”, acrescia ânimo da população e decidida da fé pessoal de cada vizinho. Nele somavam-se autoridade e coragem física. Muitas vezes, a sua vizinhança, homens assomados discordavam e se desafiavam a resolver, pelas armas, suas desavenças. Facas empunhadas, prontos para o entrevero, “que duraria até os ferros se derreterem”, segundo a bravata dos peledores, já em engalfinhado em luta mortal. Era então que o Condottiere se aproximava dos briguentos, e, a conta de todos os riscos, afundava a mão firme, entre lâminas e gumes, súbito, amainavam-se as fúrias, rendiam-se os corações, recolhiam-se as armas, e se tranqüilizava o ambiente, imantados todos os presentes da serenidade de seu Conrado Ernani.

Ante o louvor unânime, alguém interpunha uma palavra de dúvida: - Autoridade só? Coragem mesmo? Ou o caso não seria de ser o homem rico, tão rico que impunha suas decisões à grei bajuladora?

Mas um dos muito admiradores respondia por todos, com segurança: - Vale piu la buona fama che tutto denaro del mondo : “ vale mais a reputação que todo o dinheiro do mundo”.

Na verdade, todos lhe reconheciam o dom de minimizar desavenças, apaziguar antagonistas; impor a paz. Por isso, o povo (não é dele que emana todo poder?) entendeu definir-lhe o prestígio e o comando, conferindo-lhe, por si mesmo, uma patente de major: o major Ernani, major de paletó saco mesmo, sem dragonas ou galões, pois que não é uso da gente enfeitar seus heróis, pois os que sempre simples a sua origem e semelhança. Major por livre de liberação de Canguçu. E como se não bastasse, deram-lhe dois títulos: era major Conrado Bento, o pacificador (para os brasileiros) e o Condottiere (para a colônia italiana da cidade).

Fosse pacificador, fosse Condottiere, via ser convocado, toda hora, a serenar ânimos, restaurar amizades. Divergências que surgissem obrigavam sempre a lembrança de “vamos ouvir o major”.

Havia quem entendesse incompatíveis os dois títulos somados uma só pessoa: como pode ser o portador da paz o mesmo condutor de gente reivindicante?

Entendiam outros que a conquista da paz reclama esforços, diplomacia, táticas e lutas que não faltarão a Conrado Bento para tornar seu município um tranquilo “seio de Abraão”, onde o próprio gênio opositor desapareceu, reunida toda população não só partido político, extinta que foi todo antagonismo partidário.

Ora, naquela ocasião ocorreram, no país, um levante armado, com crise envolveu grande parte do povo brasileiro. Travaram-se vários combates, em vários estados. Batidos, afinal, os rebeldes, o governo entendeu perseguir duramente os que ousavam sequer se simpatizar com amotinados. Constituíram-se comissões da sindicância para uma caçada sem quartel ou suspeitos.

Na capital e o estado do Sul, centenas de chefes de família, certa madrugada, invadidos os lares por beleguins, se foram para sempre. Justo nessa ocasião, chegou ao gabinete do major aquela mesma comissão, autora daquele terrível sumiço. E, sem mais, foi despachando:

– Trazemos ordem para levar partidários da subversão. E contamos com sua ajuda, major. Quem é aqui subversivo? Quem?

– Subversivo? Subversivo mesmo? - Indaga o major para ganhar tempo para difícil resposta

– Isso! Subversivos mesmo, major! Vamos reduzi-los a farnel de tubarões
 – Farnel de tubarões! Quer dizer que toda aquela gente desaparecida...
 – Jaz sepultada no oceano. Quer melhor destino?
 – Meu senhor, isso aqui não é terra de subversivos! Não medra esse joio aqui. Por favor, meu senhor, vá pregar noutra paróquia...

E lá se foram os “perdigueiros” a outra caçada...

Desde aí começaram a dar-lhe o Major, mais o Pacificador e o Condottiere.

Compreende-se a generosidade desses apelidos e patentes advindos do coração de parentes e amigos muito dedicados e agradecidos. Mas o estranhável é integrarem o coro dos louvores gente estrangeira, recém-chegada a Canguçu. Por que Condottiere, para os italianos? Havia na colônia algumas histórias que justificava... O apelido italiano...

Foram sem conta as vitórias do major na defesa da ordem e da paz, na sua cidade.

Faz tempo, ocorreu um caso que ficou na memória dos Canguçuenses sobrinho e afilhado do Condottiere, O Zeca Tavares, rapaz levado dos diabos, deu de arrastar a asa para a italianinha Margarida, filha única do comendador Henrique da Vinci, da Santa Maria.

Ao Major a coisa não cheirava bem. O moço jamais trabalhou e fazia muito tempo interrompeu seus estudos. Vivia a custa do pai, modesto funcionário municipal. Não obstante, vestia-se na estica e era assíduo frequentador do clube Harmonia, com cadeira cativa, na mesa do carteado, donde tirava o quantum para a Boêmia. Doneador habilidoso, pôs o fino de sua arte para captar o “sim” da moça, o “conjugo vobis”, do padre, e a gorda herança do Comendador.

Mas Margarida era pobre dos atributos que torna uma mulher adorável, e, infelizmente, talhada para a solenidade de “titia”. De positivo, era senhora de inteligência viva, coisa que assustava o Zeca.

Caro custou ao Romeu Canguçuense vitória naquele entrevero. Sabia-se feia, e Senhora dos planos do casamento de baú, do Zeca.

Mas tantas coisas, por mais imprevisíveis, acabam acontecendo mesmo. O cerco cotidiano do namorado; uma lisonja, hoje; um louvor, amanhã; Um agrado antecedendo um carinho mais alongado; um beijo roubado, ontem, e oferecido, hoje... Desejos de cada lado, e, ao fim, já não se pode dizer quem o conquistado ou quem o conquistador... O certo é que lá se foi por água baixo a resistência de Margarida, que, coitadinha, já não falava mais em querer casar com véu, grinalda de flores da laranjeira.

Quando o major teimou em suas advertências, já era tarde. E o Zeca, todo dignidade, se propôs ao casamento, “tão só para salvar a reputação da moça”.

Não passaram muitos dias as bodas, e os Davinci aparecem no Cartório para transferir a cargos e propriedades aos filhos, que ligar útil o uso fruto para uma vida honrada e sossegada. Estavam cansados, velhos... Pensava o mesmo numa viagem a Sorrento, a rever a pátria...O Major Ernani alarmou-se:- Vocês estão fazendo uma loucura!

E o comendador estranhou a "loucura"... Loucura por que? Não eram seus únicos universais herdeiros? Não seria deles tudo o que possuía...

- Mas o Zeca é um vadio com curso superior de malandragem, femeiro, jogador, irresponsável...

O juízo do tabelião agastou-o. Não admitia, de forma alguma, que ofendesse o seu genro. Queria escrituras de doação, procurações. Enfim, poderes para agir, fazer, desfazer, comprar, vender o que lhe parecesse certo. E ele, o comendador e a moglie se preparavam para umas belas férias na Itália.

- Major, o passado do Zeca merece, de sua parte, um pouco de cautela. Faça uma experiência...

Experiência nenhuma! O sogro entendia severo demais o julgamento que do jovem fazia o tabelião Conrado Ernani. E edificava sua posição sobre velho adágio "del bel paese"

I Giovanni devano avere il loro sfoco:

O rapaz já exercia tal fascínio sobre os sogros que o tabelião se decidiu a lavrar os documentos pedidos, marcando data e hora, para as devidas assinaturas, que aí um pôr nas mãos dos recém-casados todos os bens dos Davinci, a troco de um convênio particular de usufruto de parte das propriedades. Os doadores saíram do cartório agastado com a impertinência do major Ernani.

Não passaram muitas semanas daquele rito cartorial. Um mês, no máximo. E, certa manhã, bem cedinho, os Davinci chegaram a porta do major. Vinham ansiosos por desabafo. Arrasados. Chorosos. Havia sido despejados do palacete em que residiam, pelos novos proprietários, Zeca e Margarida. Por outro lado, negavam-se a dividir o ganho na venda de uma partida de gado. E proibiram visitassem a **Santa Adélia**, a rica fazenda da família, agora, cercada pelos capangas da confiança do Zeca.

O Condottiere fez por acalmar os velhos. Havia normas jurídicas para anular doações feitas herdeiros ingratos e safados. Mas a coisa reclamava tempo.

No caso de Zeca e da Margarida, tudo por malícia do tabelião, era muito mais simples.

E o comendador, incrédulo, indagava: E as escrituras, as procurações, as ordens aos bancos...? E chorando a pobreza a que foram reduzidos, antevia a solidão e a perturbas do asilo... Era tudo que ele estava...

Foi aí que o major Conrado Ernani resolveu abrir o jogo. Ficassem sabendo que não havia escritura ou procuração alguma. Os amigos estavam tão enfeitados pelo Zeca... Mas ele, conhecia seu gado. Sabia muito bem de que seria capaz o sobrinho. Por isso fingira ter lavrado escrituras e procurações e mais papéis, em livro impróprio, e nele escrever uma simulação dos documentos, baboseira. Fizera uma pilheria, a que os Santos Padres chamavam de fraude Pia. Zeca e Margarida não eram donos de coisa nenhuma.

O comendador e esposa, estes sim, eram senhores de todos os seus bens. Voltasse o casal para casa, como donos e senhores, aqui ninguém poderia exigir coisa alguma. Voltassem, cabeça erguida, perto estufado, e uma gostosa e franca gargalhada de zombaria, da peça (dissessem assim) que eles mesmos haviam ideado. Outras histórias que tais respondiam aos que indagavam:- Por que Condottiere?

Aos leitores . Isto é um Conto com apoio em muitas verdades fantasiadas pelo Contista.